

ELEMENTOS ANTROPOLÓGICOS NO PENSAMENTO DE ANTERO DE QUENTAL

José Beluci Caporalini

RESUMO: O pensador português tem uma dupla reação contra o sistema abstrato hegeliano: a primeira com preocupações de reforma sócio-revolucionária e a segunda com a sua filosofia do sentimento. Ele não tem uma visão antropológica sistemática. O homem anterior caracteriza-se pela busca da transcendência, pelo desespero autêntico, pela dúvida, pela dor, pelo tédio, pelo desengano, enfim, por problemas postos pela finitude humana, pelo mal e pela aporia suprema que é a morte. O homem deve lutar pela sua realização individual, pessoal. Isto deve ser feito em comunhão com os outros homens. O mundo moral do homem depende da virtude; esta da renúncia e privação. Só assim há a ascensão do homem à transcendência. A santidade é o término de toda a evolução do homem e o objetivo autêntico de sua marcha até o Absoluto, porque o drama do ser e da existência termina na libertação final, através do bem, que é a lei suprema do Universo e a essência do espírito.

ABSTRACT: The Portuguese thinker has gotten a double reaction against the hegelian abstract system: the first one is characterized by his concern for socio-revolutionary reform, and the second one by his philosophy of feeling. He has not gotten a systematic anthropological philosophy. Antero's man's conception is characterized by his search for transcendence; by his authentic despair; by doubt; by pain; by tediousness; by disenchantment; in short, by problems set by human finitude, by evil and by the supreme aporia that is human death. Man ought to struggle for his individual and personal self-fulfillment. This has to be done in fellowship with others. Man's moral world depends on virtue; virtue depends on renounce and self-privation. Only thus does man ascend to transcendence. Holiness is the goal of man's final evolution and the authentic aim of his ascent to Absolute, because human being, it's existence and drama ends up in it's final liberation, through good, which is Universe's supreme law and the Spirit's essence.

* Professor titular aposentado de filosofia antiga da Universidade Federal de Uberlândia.

PALAVRAS CHAVES: Homem – transcendência – moral – evolução – santidade

KEY WORDS: Man – transcendence – moral – evolution – holiness

Introdução

Mais que filósofo, Antero considerava-se poeta, mas seus pensamentos filosóficos apareceram através de praticamente todos os seus escritos: poética, prosa e escritos filosóficos propriamente ditos.

Antero tem uma dupla reação contra Hegel: por um lado, coloca-se junto à esquerda hegeliana, ou seja, com aqueles pensadores que deduzem dos princípios hegelianos preocupações de reforma social e revolucionária. Assim, muito influenciaram-lhe Michelet, Quinet e, sobretudo, Proudhon. (1)

Por outro lado, contudo, reage contra Hegel com a sua filosofia de sentimento, isto é, da realidade humana interior e individual em contraposição ao sistema hegeliano tão abstrato e impessoal. Diz ele: “O naturalismo apareceu-me não já como a explicação última das coisas, mas apenas como o sistema exterior, a lei das aparências e a fenomenologia do ser”. (2)

Quando se observa os diferentes aspectos de seus escritos, vê-se que ele aborda temas que são de candente importância para a antropologia filosófica. Como alguns destes temas articulam-se, ver-se-á no que se segue.

O que é filosofia

“O que é então a filosofia”?, pergunta-se Antero no seu ensaio **Tendências Gerais da Filosofia na Segunda metade do Século XIX** (1890) e responde: “É a equação do pensamento e da realidade, numa dada fase do desenvolvimento daquele e num dado período do conhecimento desta: o equilíbrio

1. Cartas de Anthero de Quental, p.6. Também Lúcio Craveiro da Silva. **Antero de Quental: evolução do seu pensamento filosófico**. Braga: Livraria Cruz, 1959, cap. I e sobretudo cap. II, pp. 45-69. O prof. Fernando M. Soares Silva, in **Antero de Quental: the existentialist post-philosopher**. Lisboa: Atelier Gráfico Novotipo: 1969, também afirma o hegelianismo de Antero. O prof. Dr. Eduardo S. Abranches de Soveral, segundo a profa. Anna Maria Moog Rodrigues, em sua tese doutoral, sustenta que Antero era mais hegeliano que eclético. In: **Antero de Quental: símbolo dos valores da cultura portuguesa**. Rio de Janeiro, UGF, 1983, p.38, nota 13.

2. Cartas de Anthero de Quental, p.11.

momentâneo entre a reflexão e a experiência: a adaptação possível em cada momento histórico (da história, da ciência e do pensamento) dos factos conhecidos às idéias directoras da razão, e a definição correlativa dessas idéias, não por esses factos, mas em vista deles”(3).

Para Antero, como se vê, a filosofia é uma equação entre o pensamento e a realidade. Esta evoluciona na medida em que avançam as ciências positivas e é através desta evolução que o pensamento “dentro dum certo número de formas fixas, de tipos fundamentais de compreensão, sempre os mesmos e como que inquebrantáveis”(4) deve buscar a sua explicação. A filosofia é, portanto, essencialmente evolutiva. Ela não é a verdade absoluta, total e definitiva, contudo “a sua relatividade não implica erro, mas só limitação.” (5) “É assim que cada esboço, cada tentativa da verdade filosófica contém em si, apesar das alterações inerentes ao nosso indissipável nevoeiro, a indicação preciosa de alguma propriedade fundamental da verdade absoluta.” (6)

Eis, pois, como Antero concebe a filosofia. Alimentada pela dúvida que interroga, buscando a verdade absoluta que nunca pode abarcar plenamente, evoluindo, portanto, no seu modo de propor os problemas, ela é a equação entre o pensamento que explica (a metafísica) e os resultados da experiência (as ciências). Ou nas palavras de Antero: “Metafísica (ou especulação) e ciência (ou observação) são duas séries convergentes, que partem de pontos opostos com leis de desenvolvimento diversas: mas, como são convergentes, encontram-se: o ponto onde se encontram e, sem se fundirem, reciprocamente se penetram, é que é a filosofia. A filosofia tem pois por matéria a ciência, por forma a metafísica; ou ainda, a filosofia é a observação (quero dizer, os seus resultados), considerada no ponto de vista absoluto da razão.” (7)

O que é o Homem na concepção anteriana

O que é o homem, a partir dessa concepção evolutiva da filosofia? O pensamento antropológico anteriano está disperso pelos seus escritos. Não há

3. Prosas, III, p. 64.

4. Id. p. 64.

5. Id. p. 63.

6. Id. p. 64.

7. Id. p. 23-24

uma visão sistemática do mesmo. Assim, por exemplo, no soneto *Evolução* vê-se esta evolução, esta subida, esta ascensão da rocha - do ínfimo à consciência – liberdade (ao máximo).

Evolução

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta,
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo.
Na caverna que ensombra urze e giesta:
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paul, galuco pascigo...

Hoje sou homem — e na sombra enorme.
Vejo a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espirais, na imensidade...

Interrogo o infinito e às vezes choro ...
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro
e aspiro unicamente a liberdade...

O homem anterior é uma evolução dominada pelos instintos, pelas paixões e pelo egoísmo, com a imensidão e a magnitude do infinito diante de seus olhos, mas aparentemente fora de seu alcance.

Ele é limitado, mas é um espírito, que, em unísono com o Espírito-Idéia, evolui constantemente até chegar à consciência de si.

Segundo Joaquim de Carvalho (1:32), o homem, na concepção de Antero, pode não ser totalmente original pois é resultado da influência filosófica de Hegel e de Boutroux, Leibniz, Kant, Windelband e Von Hartmann, todos integrados na idiosincrasia do pensador português. Antero, contudo, apresenta a sua própria consideração pessoal, a qual é profunda e assaz rica.

Em seus ensaios de carácter filosófico Antero enfatiza a transcendência, a meta autêntica da busca metafísica que só é possível pela participação do eu na multiplicidade de horizontes.

Mas essa busca não é fácil. Observe-se o desespero autêntico do poeta-filosófico no soneto *Ignotus*.

Ignotus

Onde te escondes? Eis que em vão chamamos,
Suspirando e erguendo as mãos em vão.
Já a voz enrouquece e o coração
Está cansado — e já desesperamos...

Por Céu, por mar e terras procuramos
O espírito que enche a solidão.
E só a própria voz na imensidão,
Fatigada nos volve ... e não te achamos!

Céus e terra, chamaí, aonde? Aonde?
Mas o espírito antigo só responde,
Em toa de grande tédio e de pesar:

— Não vos queixéis, ó filhos da ansiedade,
Que eu mesmo, desde toda a eternidade,
Também me busco a mim...sem me encontrar!

Verifica-se sem sobra de dúvidas que o Espírito era a grande incógnita do problema transcendental que tormentava Antero. (8)

As experiências do eu abrangem, ante tudo, a existência empírica em seus aspectos físicos, biológicos, psicológicos e sociológicos: o homem vive, pensa, atua e interatua; pois ele não é uma ilha isolada dos demais. Ele é um ser, um ser vivo numa comunidade de outros seres humanos.

É na comunidade humana que o homem encontra-se consigo e com os demais, lutando em situações de dor, morte, tédio e desengano. Aqui entra toda a problemática da finitude e do mal.

“(...)Cansado como estou de ver tanto homem e tanta terra,
sem que com isso o meu sossego e contentamento se adiantem
extremamente...Entretanto, não há maior ensino...para a verdadeira
instrução e iniciação na verdadeira e soberana ciência da realidade
humana.

8. Antero podia não ser um cristão típico, mas ele vivia um certo tipo de vida espiritual profunda. Talvez a sua tragédia terá sido em boa parte não ter ele encontrado explicação clara para o que sentia e vivia no coração: por não ter chegado a uma síntese entre o sentimento e a razão.

Sabe, porém, que essa ciência é feita na maior parte, no mais fino de sua substância de desilusões. Pode mesmo dizer-se que a sua doutrinação noutra coisa não consiste senão em nos fazer perder todos, as ilusões que compõem o substractum das várias ciências fantasmagóricas, que a nossa inexperiência e a petulância de mestres ineptos nos impõe como expressão fiel da realidade e da vida.

— E eu não ignoro que as multidões, se não são por si uma filosofia, são, todavia, uma ocasião de ela se revelar, de se aplicar, e, pela aplicação, fixar-se, definir-se, afirmar-se na sua máxima extensão.” (9)

O homem então vê que ele é parte dum ambiente social ao qual é ligado pela origem comum. O reconhecimento e a compreensão duma herança comum possibilitam a presença histórica, atitude e consciência indispensáveis à transcendência individual: sem isso o homem não pode obter a consciência do contínuo desdobrar do significado e realidade do Ser, através do tempo. A presença histórica, contudo, é tanto a assimilação da tradição histórica, como o resultado da interação individual com ela.

O homem chega ao eu adulto somente pela comunicação da experiência de companhia e pertença espiritual na busca do Ser.

Antero reconhece que em qualquer área de interação, o homem encontra-se confuso por situações problemáticas que ele não pode evitar. (10) Ele vê quão inadequadas são a tecnologia e as ciências para preencher as suas necessidades internas. A individualidade é sacrificada a ser massa anônima, e a auto-realização é ofuscada pela conformidade social. O homem, em síntese, experimenta a submersão de sua autenticidade original nesse mundo.

A luta individual pela realização pessoal é a contribuição mais importante à dinâmica da sociedade, que não a deve reprimir. Nas palavras de Antero:

“Mas, se já alguma hora da história impôs aos que falam alto entre os povos obrigações de seriedade, de profunda abnegação, de sacrifício do Eu as tristezas e misérias da humanidade...; se alguma hora lhes mandou serem graves, puros crentes, é certamente esta do dia de hoje, da idade de transformação dolorosa, de cepticismo, de abaixamento moral, de descrença, que é o nosso século. Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéias... As instituições do passado abalam-se...”

9. Carta de Antero a Eduardo de Almeida, Paris, 18 de julho de 1867, in **Prosas dispersas**, pp. 69-70.

10. Antero de Quental, carta a Eduardo de Almeida, in **Prosas dispersas**.

E, entre estas dúvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas do bem, menos dispostas ao sacrifício e às abnegações da consciência.

Há toda uma humanidade sem dissolução, de que é preciso extrair humanidade viva, sã, crente e formosa ... (11)

O homem deve viver íntegra e harmoniosamente, com os seus coetâneos, mas a sua comunhão com outros indivíduos deve ser sempre em liberdade de pensamento e ação, possibilitando a existência interior genuína, a sua verdadeira significância no mundo.

Segundo Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, (12) Antero sustentou enfaticamente que a Idéia – Absoluto deve ser “praticada” e não meramente “contemplada” para que esteja autenticamente na existência do homem, ou seja, a auto realização do eu humano não pode ser uma tarefa isolada e deve ser vivida como se cada momento e cada ato fosse um momento e um ato do Absoluto.

O “bem”, que o indivíduo deve sempre fazer e seguir, é o mais íntimo momento na evolução do ser humano, isto é, o momento que o espírito humano consciente é libertado de todas limitações, criando em si, por si, e para si um momento completo, transcendental e positivo. O eu finito, retornando a seu centro verdadeiro, é dissolvido na esfera do Absoluto, e lá “a transição do ser ao não - ser, que é equivalente à plenitude e perfeição”, (13) realiza-se. Antero conclui que isso, na linguagem simbólica do misticismo, é chamado de união da alma com Deus; ele prefere, contudo, chamar a esse momento de união do eu com o seu tipo de perfeição, ou, simplesmente, “a realização na consciência de seu momento último e verdadeiro.”(14)

“É por isso que só as obras do bem são verdadeiras na sua totalidade: em tudo mais há sempre uma parte mais ou menos de limitação, de necessidade, de erro, e, para tudo dizer numa palavra, de não - existência.”(15)

11. Antero de Quental. **Bom-senso e bom-gosto: carta ao Excelentíssimo Senhor Antônio Feliciano de Castilho**. Coimbra, 1865, pp. 81-82.

12. **História da Literatura Portuguesa**. 6. ed. Porto: Porto Editora, p. 857 ss. s/d.

13. *Prosas*, III, p. 131

14. Antero de Quental, *Revista de Portugal*, II, p. 299ss.

15. *Id.* p. 299ss.

Comentando desde a teologia mística cristã, pode-se dizer que para Antero somente aquele que dissolve a sua vontade na Vontade absoluta, identificando-se com ela, somente quem renuncia ao seu eu limitado e ao seu egoísmo, às suas paixões, às suas ilusões e à sua miséria, ele, somente ele, alcança a vida eterna e transcendente. E, claro, o Bem Supremo.

O bem real é aquele que se identifica com o permanente, com o ser **per se**, com o eterno, fonte de toda virtude. O bem real é universal e a sua existência já não é aquela duma entidade particular circunscrita no tempo e no espaço, condicionada pelo temperamento, raça, nacionalidade, história, educação, etc.

A virtude é uma realidade suprema e, portanto, uma realidade por excelência, de fato a única realidade completa e autêntica. Desse modo, a consciência do justo, sem egoísmo, é o único templo de Deus. (16)

O mundo moral ou ordem é erigido sobre a virtude, renúncia e privação que são as forças motrizes na ascensão à transcendência. Ou como Antero diz poeticamente:

“Ela enche de intrepidez o coração dos heróis, de constância a vontade dos justos, de unção a alma dos santos.

Ela dá aos simples a candura e a graça: dá aos humildes a dedicação sem alardes: a uns e outros o perfume da virtude que se ignora.

Ela é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento.” (17)

A liberdade e a libertação são caracterizadas pela renúncia completa de todo egoísmo. Contudo, Antero de Quental insiste que se a liberdade e a libertação são o objetivo final do universo, a santidade é o término de toda evolução e o objetivo autêntico de sua marcha até o Absoluto, porque o drama do ser e da existência termina na libertação final através do bem, que é a lei suprema do universo e a essência do Espírito. (18)

Assim a **virtude**, o **bem**, e a **liberdade** emanam da plenitude do ser; e daí a **santidade**, que gera na consciência um mundo definido, completo e transcendente; é o ponto máximo da moral anteriana. (19)

16. Id. p. 299ss.

17. Id. p. 299ss.

18. Id. p. 299ss.

19. Parece ser que haja uma *petitio principii* no pensamento de Antero com relação à sua moral em geral e à santidade em particular. Se o ser humano é egoísta, como ele reitera mais de

O homem, para Antero, é um ser dentro do mundo no sentido que ele é um ser objetivamente determinado que experimenta o seu ser no mundo empírico da natureza. Ele é um ser **social** e **político**, porém, **percebe outras realidades**:

“Tudo isto que por aí tumultua, freme e enche o ar de ruídos...
Tudo isso é o gozo e a matéria; mas a vida é a consciência e o espírito. Espírito e consciência! Eis aí o nome do futuro.”(20)

Poeticamente:

“ Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem.” (21)

O eu humano encontra-se como uma entidade incompleta, cujo significado a ciência, a tecnologia, as religiões e as filosofias deixaram de explicar adequadamente através dos séculos. Assim é que o eu torna-se um participante ativo na sua situação; ele começa a procura pelos significados ocultos da existência e do ser, no reino da transcendência, pois a sua natureza suspira pela plenitude da santidade e pela autêntica libertação, onde o eu se torna o verdadeiro intérprete da realidade.

Antero é claro a respeito:

“O espírito é que é o tipo de realidade: a natureza não é mais do que uma longínqua imitação, um vago arremedo, um símbolo obscuro e imperfeito do espírito. O universo tem pois como lei suprema o bem, essência do espírito.
A liberdade, em despeito do determinismo inflexível da natureza, não é uma palavra vã: ela é possível e realiza-se na santidade. Para o santo, o mundo cessou de ser um cárcere: ele é, pelo contrário, o senhor do mundo, porque é o seu supremo intérprete. Só por ele é que o Universo sabe para que existe: só ele realiza o fim do Universo”. (22)

uma vez, e se o Absoluto, no fundo, não chega a ser um Deus pessoal, então qual é a base última da santidade e da moral?

20. **Prosas**, vol. I, p.306, 315.

21. Soneto **Voz Interior**.

22. Apud Reis Brasil. **Antero, vate da Humanidade**. Santarém: Tipografia Escolar,1956, p. 13-14

Quer isto dizer que os demais homens não sejam livres? Não. Eles também lutam por essa ascensão à santidade. Por outro lado, não só o homem tem uma finalidade a realizar, também o Universo a tem, mas só o santo realiza o fim do Universo.

A ascensão à transcendência implica uma atitude reflexiva e positiva da parte do indivíduo. Implica, antes de mais nada, uma participação ativa do eu na descoberta do significado da realidade pessoal, que em pensamento e em ação, mostra-se através da história. O seguinte soneto ilustra a busca metafísica de Antero e o que ele pensa, a respeito do drama humano.

Transcendentalismo

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração.
Caí na conta, enfim, de quanto é vão
Bem que ao mundo e à sorte se disputa

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrário do templo da ilusão,
Só encontrei, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma matéria bruta...

Não é no vasto mundo —por imenso
Que ele pareça à nossa mocidade—
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera do invisível, do intangível
Sobre desertos, vácuo, soledade,
Voa e paira o espírito impassível.

O compromisso ativo do homem em sua busca de verdadeiro significado dá-se na interação do intelecto com o seu presente histórico. É nessa interação que se consegue a consciência de si.

O filosofar autêntico implica o significado da consciência de libertação, ou seja, a libertação da escolha das ações do eu que conduzem à auto-realização. Essa liberdade de ação é também auto-consciência completamente desenvolvida e o homem deve tê-la para conseguir a sua existência transcendentalmente.

Desde esse significado de libertação e de consciência, que o indivíduo é incapaz de encontrar nos aspectos objetivos ou empíricos de sua existência, surge a consciência de sua essência. O homem, então, torna-se o seu "ego

original". Ele vive em sua situação histórica particular, mas não é dominado por suas limitações porque ele existe, por sua escolha, na realização de sua transcendência. Ele aceita a sua situação no mundo e luta para transcendê-la. Na medida que o indivíduo permanece livre para tornar-se em autêntico ego, ele encontra suporte para possibilidades de auto-transcendência e auto-realização.

O espírito tem a sua base no mundo objetivo que o homem conhece por observação e interação, mas transcende no reino da possibilidade e autenticidade ilimitadas.

"E daqui promana todo o espiritualismo de Antero. Fora do universo do materialismo científico, escravizado pela necessidade e pelo férreo regime das leis, há um universo independente de toda a fenomenalidade, onde o espírito ... se cria e fecunda continuamente. Ora esse espírito ... é uma energia espontânea de infinitas virtualidades criadoras: manifesta-se com uma força autônoma que se conhece na sua íntima natureza... que existe em si e em si encontra a sua plenitude... o ser na sua unidade... um ser total e completo."(23)

O reino do espírito pertence ao verdadeiro pensador e ao filósofo; é aqui que o homem pode ser conscientizado à sua autêntica situação humana e é aqui que o homem discerne a realidade como ser em transcendência.

Antônio Sérgio sintetiza a ascensão do homem anteriano com essas palavras:

"Pouco a pouco, todavia eleva-se à objectividade da razão, submete-se à universalidade que encontra em si, percebe que o finito é o infinito determinado. Ao inclinar-se ante o universal que ele assim topou, passa o seu espírito subjectivo a espírito objectivo." (24)

Que pensava Antero das leis e constituições sociais? Em sua opinião as leis e constituições sociais com suas regras e regulamentos são coisas puramente subjetivas, imperfeitas, evolutivas, meras partículas na realização final da Idéia e porque essas coisas são subjetivas, o zênite da atividade superior do ser humano é a liberdade.

23. Apud Feliciano Ramos in **A expressão da liberdade em Antero e os "Vencidos da Vida"**; Lisboa: Editorial Império, 1942, p. 60-61. Cf. Antônio J. Saraiva e Oscar Lopes, op. cit. p. 859.

24. Apud Fidelino de Figueiredo, in **Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX**. Ática, 1947, p. 300.

Nas “Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX”, Antero explica que no mundo da consciência toda lei natural e social é dissolvida numa única lei moral que é criada pelo próprio espírito humano, como expressão da unidade final realizada em si, e como uma consequência da compenetração total da vontade com o ideal. A única lei moral é a perfeita lei da liberdade, porque o próprio dever perde gradualmente o caráter rígido de obrigação na proporção direta de sua imersão no ideal, e é transformado em pura atração e puro amor. A antinomia da vontade já não é virtual: ela é, em vez, real e completa, pela determinação, motivo e condicionalidade em seu próprio ser.

Conclusão

Antero apresenta o homem como uma partícula evolutiva do espírito ou idéia absoluta, circundado de leis que procedem de sua própria consciência e são limitadas pela sua própria vontade e pelos desejos e necessidades de sua liberdade.

Será que isso criará caos na sociedade? Não, responde Antero, porque esta identificação do eu humano com a sua essência absoluta é a essência do “Bem”. Ele afirma:

“Só agora é plenamente causa... é plenamente fim de si mesmo. Esta perfeita identificação do eu com a sua essência absoluta, por onde a sua primeira espontaneidade se define finalmente como liberdade, é que é a essência do bem.”(25)

Além disso, Antero enfatiza que uma atmosfera de lei e compreensão pode e deve existir entre o homem e a sua sociedade, considerando que, num verdadeiro espírito de liberdade, ele não vê oposição real e radical entre o empírico e o ideal, porque “se o mundo real é o limite ele é também o instrumento e a forma do mundo ideal.”(26)

Concluindo, pode-se perguntar sobre a temática antropológica que é motivo da interrogação, da preocupação e inquietação que pervade a alma irrequieta, mas profunda e sincera de Antero:

“Espiritualismo. Busca de Deus. Preocupação moral; problema da dor; sentido da existência. Valor das ciências e da metafísica.

25. Id. p. 300.

26. Antero de Quental, **Prosas dispersas**, p. 152.

Reação contra um soberbo e frio intelectualismo que despreza as vozes humanas do 'coração'". (27)

Em uma palavra, procura respostas para as exigências mais profundas do intelecto e do coração humanos.

Bibliografia

CARVALHO, Joaquim de. **A evolução espiritual de Antero**. Lisboa: Oficinas Gráficas, 1929.

JOURNET, Charles; **El mal**. Madrid: Ediciones Rialp, 1965.

QUENTAL, Antero de. **Poesia e prosa**. 4. ed. Organização de Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro; Agir, 1972.

_____. **Bom senso e bom - gosto**: carta ao Excelentíssimo Senhor Antônio Feliciano de Castilho. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1865.

_____. **Prosas**. Org. de Joaquim de Carvalho Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923. V.I; 1926, V.II; 1934, V. III.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. **Antero de Quental**: símbolo dos valores da cultura portuguesa. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UGF, 1983.

SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 6. ed. Porto: Porto Editora, SD.

SILVA, Fernando M. Soares. **Antero de Quental**: the existentialist poet-philosopher. Lisboa: Atelier Gráfico Novotipo, 1969.

SILVA, Pe. Lúcio Craveiro da. **Antero de Quental**: evolução do seu pensamento filosófico. Braga: Livraria Cruz, 1959.

27. Op. cit. p. 153. A profa. Anna Maria Moog Rodrigues, em sua Tese de Doutorado explora muito bem essa temática anterior.

_____. Antero de Quental. O primeiro filósofo da encruzilhada, **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, abr. – jun. 1960, T. XVI, fasc.2.

UNAMUNO, Miguel de. **Por tierras de Portugal y de España**. 8.ed, Madrid:Espasa- Calpe, 1976.